

A Visão Iluminada de Samantabhadra

Um Profundo Tesouro da Expansão da
Grande Perfeição Originalmente Pura

Ensinos Secretos Consistindo de Instruções Essenciais
Que Oferecem uma Síntese Completa das Linhagens
da Visão Iluminada, Simbólica e Oral

Uma Apresentação Lúcida, na Palma da Mão, da Visão Iluminada de
Samantabhadra, o Buda Inalterado, Perfeito e Autossurgido

por

Dúdjom Lingpa



Tradução para o inglês: B. Alan Wallace

Tradução para o português: Jeanne Pilli e Marcelo Nicolodi

[514] Possa a realidade última imutável, o verdadeiro kāya da lucidez prístina, o sugatagarbha Samantabhadra e sua rainha, reinar vitoriosa no jardim de lótus da minha mente! Esta profunda instrução sobre a Grande Perfeição da clara luz, este profundo Dharma que é uma síntese completa da Linhagem da Visão Iluminada, da Linhagem Simbólica e da Linhagem Oral, é uma transmissão oral, não de um ser humano, mas do mestre autossurgido. Quando esse oceano de ambrosia foi vertido no excelente vaso de minha mente, temi que se perdesse, e então pedi permissão aos vīras e ḍākinīs para compor este texto como uma herança para liberar futuros detentores da linhagem.

Aos vinte e sete anos, na noite do décimo dia do décimo segundo mês lunar do ano do cachorro¹, [515] todas as minhas percepções se dissolveram no reino do grandioso e originalmente puro espaço absoluto dos fenômenos, e eu reconheci minha própria base. Depois de algum tempo, surgiu espontaneamente a seguinte exibição mágica do professor e de seu séquito. Nessa ocasião do tempo perfeito de igualdade originalmente pura, no lugar perfeito do reino autossurgido, verdadeiro, e grandioso de Akaniṣṭha, o professor perfeito, o Buda da base primordial, Samantabhadra, o Vajra Nascido no Lago, estava sentado sobre um trono de lótus com joias sustentado por oito leões. Para essa reunião do séquito perfeito de vīras e ḍākinīs, livre de conceitos, que circundava o professor, [516] ele ensinou o Dharma perfeito do yāna resultante e insuperável - a profunda e secreta Grande Perfeição.

Naquele momento, estava reunida naquela morada uma assembleia completa de 84.000 seres, incluindo os seguintes bodisatvas mahāsatvas: Vajra da Lucidez Prístina, Faculdade que Manifesta Todas as Aparências, Faculdade da Atividade Mental Aflitiva, Faculdade da Atividade Mental, Faculdade da Visão, Faculdade da Audição, Faculdade do Olfato, Faculdade do Paladar, [517] Faculdade do Tato e o Soberano que Tudo Cria.

Fase 1: Tomando a Mente Impura como Caminho

Então, o Bodisatva Mahāsatva Soberano Que Exibe Todas as Aparências levantou-se de seu assento e se dirigiu ao Bhagavān dizendo: “Bhagavān Samantabhadra, Rei da Luz Imutável, por favor ouça e considere minhas palavras. A fim de liberar completamente todos nós [que constituímos] esta exibição mágica de discípulos simultaneamente na grande expansão da igualdade do espaço absoluto dos fenômenos, [518] por favor, revele o insuperável yāna da fruição da Grande Perfeição.”

O Bhagavān respondeu: “Ó discípulos magicamente emanados, ouçam! Eu não proclamo esse insuperável yāna da fruição da Grande Perfeição em direção a ninguém, exceto àqueles indivíduos com carma [adequado] e boa fortuna, dotados das qualidades combinadas de faculdades aguçadas, grande sabedoria, fé estável, habilidade de manter seus samayas, grande entusiasmo e coragem. E por que é assim? Como resultado de não praticarem o aspecto último e, além disso, ignorarem com desprezo a profunda verdade de causa e efeito, os seres sencientes experimentarão o grande tormento dos infernos. É por isso que eu não o proclamo.”

¹ O ano de 1863 no calendário ocidental.

Então, o Bodisatva Soberano Que Exibe Todas as Aparências respondeu: "Ó Mestre, Bhagavān, nós desta exibição mágica não nos afastamos da natureza da não-dualidade, então, por favor, revele o profundo e secreto yāna insuperável."

Naquele momento e naquela ocasião, eu também ouvi o seguinte: O Bhagavān da base primordial disse à exibição mágica de discípulos: "Ó exibição mágica de discípulos, ouçam sem distração! Sem buscar causas ou efeitos em outro lugar, identifiquem o agente que vagueia dentro dos três reinos do samsara, e sigam firmemente as instruções para liberar esse ser." [519]

Quando ele disse essas palavras, Faculdade da Atividade Mental que tudo cria respondeu: "Esse agente sou eu. O corpo e a fala que dependem de mim são mutáveis."

O professor respondeu: "Ó Faculdade da Atividade Mental, fale-me sobre sua forma, formato e cor."

Faculdade da Atividade Mental respondeu: "Eu sou um vazio sem forma. Eu definitivamente transcendo a forma e a cor."

O Bhagavān perguntou: "Ó Faculdade da Atividade Mental, qual é a origem da qual você surgiu pela primeira vez, o local em que permanece nesse ínterim e o destino para o qual finalmente irá?"

Faculdade da Atividade Mental respondeu: "Eu sou vacuidade não surgida, portanto não há nenhuma origem de onde eu tenha surgido. Eu sou vacuidade não local, portanto não há nenhum lugar onde eu permaneça. Eu sou vacuidade não estabelecida, então não há destino para o qual irei. Todos que estão reunidos aqui não são diferentes de mim, portanto, que o Mestre, por favor, revele as profundas instruções para me liberar." [520]

O Bhagavān respondeu: "Ó exibição mágica de discípulos, ouçam! Agora é fundamental que vocês conheçam suas próprias características. Existem dois tipos de caminho: os indivíduos com faculdades supremas prosseguem dentro de si mesmos por meio da travessia direta, e os indivíduos com faculdades médias ou inferiores prosseguem gradualmente, na dependência dos estágios e dos caminhos. Para investigar isso, primeiro fundam suas mentes com o espaço externo vazio e permaneçam em equilíbrio meditativo por vinte dias. Ao fazer isso, os indivíduos do primeiro tipo perceberão a natureza essencial originalmente pura da base primordial com o olho da sabedoria e a identificação dentro de si mesmos.

"Os indivíduos dos dois últimos tipos serão atormentados pela confusão e pela ansiedade e, uma vez que suas mentes não parecem se fundir com o espaço, passarão o tempo em fabricações e esforços, ao mesmo tempo em que ficarão aprisionados em muitos pensamentos. Aqui está o caminho para eles adentrarem os estágios e caminhos. Eles devem praticar identificando a consciência como *quietude* e reconhecendo os pensamentos como *movimento*, como pessoas assistindo a um show de ilusões de ótica. Meditando diligentemente com grande entusiasmo, todos os conjuntos sutis e grosseiros de pensamentos [521] serão *acalmados* no oceano da base primordial, permanecerão em um estado de *quietude* inabalável e a experiência de *shamata* surgirá.² Nesse momento, surgirá bem-aventurança semelhante ao calor do fogo, luminosidade semelhante ao romper da aurora e ausência de conceitos semelhante a um oceano que não é perturbado pelas

² Esta é a etimologia de "shamata" (tib. *zhi gnas*): calma (*zhi*) quietude (*gnas*).

ondas. Nesse caso, enquanto a atenção plena não separar quietude e movimento e, portanto, puder *ver mais vividamente*, isso é chamado de *vipashyanā*.³ Portanto, quando você tiver identificado shamata como uma experiência meditativa e, então, puder sustentá-la naturalmente com atenção plena, livre de apego e fixação, as aparências das experiências meditativas desaparecerão naturalmente, e a *atenção plena* se manifestará de maneira *unifocada*.

“Ó discípulos magicamente emanados, ouçam! Nesse momento, algumas pessoas sentem uma sensação reconfortante de bem-estar. Algumas experienciam perturbações dos ventos, de tal forma que seja qual for o tipo de atenção plena a pensamentos errantes que ocorra, isso provocará uma sensação desconfortável, como se seu coração estivesse sendo perfurado, e uma variedade imprevisível de doenças surgirá esporadicamente. Colocando suas esperanças em deuses, temendo influências demoníacas, experimentando todos que veem e tocam como prejudiciais, e assim por diante, vários tipos de experiências difíceis surgirão aleatoriamente. Algumas pessoas permanecem em um estado de vácuo, em branco, enquanto que para outras surgem visões de deuses, demônios e uma variedades de percepções extrassensoriais. Para algumas elas são verdadeiras, [522] enquanto para outras são falsas, e portanto, não são confiáveis. Se vocês sentirem prazer com tais experiências e abandonarem seu caminho para cultivá-las com apego, elas agirão como um grande peso que os manterá no saṃsāra e os afundará no lamaçal dos estados miseráveis da existência. Portanto, tomem cuidado com isso!

“Reconhecendo as experiências meditativas pelo que são, permaneçam sem esperança ou medo e sustentem o fluxo da atenção plena. Ao fazerem isso, essas experiências meditativas desaparecem por si sós, a atenção plena grosseira naturalmente diminui, a consciência repousa em um espaçoso estado de fluxo e, sem que vocês façam nada para modificar todos os pensamentos errantes aos quais estão atentos, eles são selados pelo autorreconhecimento. Isso é chamado de *atenção plena que libera naturalmente*.⁴

“Nesse momento, uma intensa experiência de bem-aventurança pode surgir, e isso também pode ser simplesmente uma armadilha. Pode surgir qualquer uma das doenças relacionadas à bile, mas, ao reconhecê-las, elas se dispersam. Se vocês sustentarem a atenção plena enquanto naturalmente estabelecem suas mentes sem esperanças, medos, anseios ou apego a experiências meditativas, elas desaparecerão por si sós. Então, mesmo sem a atenção plena que reconhece a si mesma, na dependência de um modo sutil de cognição, vocês permanecem em um vácuo desperto, desprovido de pensamentos errantes ou da atenção plena sobre eles, que é o substrato eticamente neutro. Isso é chamado de *colapsar em um leito desprovido de atenção plena*. “Nesse momento, surge a aflição mental da delusão, e podem surgir doenças decorrentes de distúrbios da fleuma. Ao reconhecê-las, também, como experiências meditativas e simplesmente deixando-as serem como são, [523] sem reificá-las, e sem esperanças ou medos, essas experiências desaparecerão naturalmente. Uma sensação de luminosidade se manifestará nesse vácuo e, uma vez que o caminho para os pensamentos errantes e a atenção plena está impedido, as atividades e a fala se tornarão desarticuladas e confusas.

³ Esta é a etimologia de “vipashyana” (tib. *lhag mthong*): vívida (*lhag*) percepção (*mthong*).

⁴ Esta corresponde à fase de “atenção plena manifesta” descrita em “Essência do Significado Claro”, 354, e “atenção plena naturalmente estabelecida” descrita em “A Essência Vajra”, 42.

Nesse momento, há também uma experiência pronunciada de bem-aventurança, luminosidade e ausência de conceitos, e podem surgir visões indeterminadas de deuses e demônios. Além disso, este é o aspecto naturalmente luminoso da consciência substrato, por isso é chamado de *atenção plena autoiluminadora*. Ambos [os tipos de atenção plena] envolvem visões que os impulsionam a renascerem como um deus destituído de discernimento, portanto, reconheçam a importância de nunca confiar nelas.

“Ó discípulos magicamente emanados, ouçam! Esses tipos de atenção plena ocorrem quando tomamos os aspectos da mente como o caminho, mas se ficarem aprisionados neles e os considerarem como a visão e meditação supremas, vocês não se elevarão acima dos estados dos três reinos da existência. Se forem aprisionados pela bem-aventurança, isso os impulsionará a renascerem como um deus do reino do desejo; se ficarem presos à luminosidade, isso os impulsionará a renascerem como um deus do reino da forma; e se forem aprisionados pela ausência de conceitos, isso os impulsionará a renascerem no reino da não-forma. Nenhuma dessas experiências meditativas deve ser bloqueada, nem cultivada. Elas são indispensáveis, pois surgem como sinais dos estágios e dos caminhos. [524]

“Além disso, uma vez que aqueles que ingressaram nos estágios e caminhos reconhecem os vários tipos de doenças e sofrimentos como experiências meditativas, eles os soltam, sem reificá-los nem tentar alterá-los. Como resultado, eles são liberados exatamente onde estão, como a neblina desaparecendo no céu. Em geral, todas as alegrias e tristezas das seis classes de seres sencientes são meramente aparências ilusórias - experiências - e nenhuma delas é verdadeiramente existente.”

Fase 2: Revelando sua Própria Face como o Vajra Cortante de Vipásyanā

Então, o Bodisatva Mahāsattva Vajra da Lucidez Prístina levantou-se de seu assento e uniu as palmas das mãos em reverência ao Bhagavān, dizendo: “Bhagavān, Senhor Onipresente e Soberano Inabalável, por favor ouça e considere minhas palavras. Por favor, revele o caminho profundo e autêntico para esta exibição mágica de discípulos.”

Ele respondeu: “Ó Vajra da Lucidez Prístina, o caminho último, chamado de *essência vajra*, é insuperável. Ninguém encontrará este portal sem ter acumulado grande mérito por incalculáveis éons no passado e sem ter o impulso cármico de preces excelentes que atingiram o pleno poder. Isso é [raro] como uma flor de udumbara. É o caminho percorrido pelos budas do passado e adentrado pelos budas do presente, [525] e é o único caminho profundo que será seguido pelos budas do futuro. Explicarei em detalhes, portanto ouça!

“Nesse sentido, existem dois tipos de lucidez prístina: a lucidez prístina do caminho e a lucidez prístina que está presente como a base. Quanto ao primeiro, a lucidez prístina do caminho, sua natureza essencial é o que se toma como caminho. Essa natureza essencial, que é a expansão originalmente pura do espaço absoluto dos fenômenos, livre de extremos, é naturalmente iluminada pela grande sabedoria que tudo permeia. Essa lucidez prístina é inefável.

“Nesse sentido, existe a tríade de visão, meditação e conduta. O que são as três? A visão é destituída de um ponto de vista; a meditação é destituída de qualquer modo de cognição; e a conduta é livre de qualquer modificação.

“Há também a tríade de base, caminho e fruição: a base é a grandiosa liberdade primordial; o caminho é o grandioso estabelecimento natural; e a fruição é a grandiosa liberação natural.

“Ademais, a perfeição espontânea dos três kāyas é assim: a natureza essencial é o dharmakāya originalmente puro; a natureza manifesta é o sambhogakāya espontaneamente realizado; e a compaixão é o nirmāṇakāya que permeia todos os lugares.

“Aqui as seis perfeições são simultaneamente aperfeiçoadas da seguinte forma: a ausência de apego é generosidade, a ausência de confusão é disciplina ética, a ausência de mudança é paciência, a ausência de esforço é entusiasmo, a ausência de meditação é meditação e a ausência de erro é sabedoria.

“Este é [526] o buda autoemergente. Não se afastar dessa natureza é também o refúgio verdadeiro e insuperável na natureza da existência. É também a liberação tanto do saṃsāra como do nirvāṇa, que é a verdadeira geração da bodicita. Também é tomar o dharmakāya Samantabhadra como seu guru. É também combinar a essência de todos os jinas dos três tempos e dedicar-se a isso como sua deidade pessoal. É também combinar de forma não-dual todas as dākinīs do espaço absoluto da consciência primordial dentro do céu de Samantabhadrī - que é o próprio espaço absoluto - e entrar em seu ventre. Esta é a prática na qual todas as famílias búdicas e maṇḍalas são combinadas como uma só.

“Existem dois estados eticamente neutros que são opostos a um caminho tão profundo, secreto e insuperável como este: um que sempre foi um estado eticamente neutro e um segundo que é transitório e luminoso. O primeiro, que é como o espaço imaterial, é aquele em que a radiância e as expressões criativas [da consciência] estão impedidas. O último é aquele em que a luminosidade emerge do vácuo, mas a radiância e as expressões criativas [da consciência] ainda estão impedidas. Ao reconhecer esses dois e deixá-los se estabelecerem em seu próprio estado, eles desaparecerão por si sós; portanto, não se trata de pensar sobre eles ou de aplicar vários antídotos para eles.⁵

“A lucidez prístina é o buda autoemergente e, ao permitir que ela se estabeleça em sua própria natureza, será liberada naturalmente. Portanto, apenas deixe-a ser como é, sem tentar modificá-la, [527] conhecê-la, analisá-la ou apresentá-la intelectualmente de qualquer forma. Nesse sentido há dois estados: o equilíbrio meditativo e a prática pós-meditativa. O primeiro envolve três modos de não-modificação: deixar o corpo repousar imóvel sem modificação como um cadáver em um cemitério, deixar a voz repousar silenciosamente sem modificação e sem falar, e deixar a mente repousar solta e sem modificações em seu próprio lugar. É extremamente importante esforçar-se nesses três pontos, dedicando-se à prática sem esmorecer ao longo dos três períodos. A prática pós-meditativa envolve permitir que todo o seu comportamento não seja modificado, seja em movimento ou em repouso, sem nunca afastar-se de seu estado natural.”

⁵ Estes correspondem aos dois tipos de substrato: o substrato verdadeiro (que corresponde à ausência de atenção plena) e o substrato temporariamente luminoso (que corresponde à atenção plena autoiluminadora). Ver SC, 354 e EV, 46.

Fase 3: Revelando o Dharmakāya da Base

Então, Vajra da Lucidez Prístina perguntou: “Ó Mestre, Bhagavān, qual é a causa para vagarear pelos três reinos do saṃsāra? Que o Mestre, por favor, explique!”

Ele respondeu: “Ó filho da família, a base para vagarear no saṃsāra é o par de fixação e objeto de fixação. Aquilo que faz a separação entre o saṃsāra e o nirvāṇa é apenas a fixação ao 'eu'. Essa fixação é chamada de *fixar-se à identidade de uma pessoa*. A base da designação do 'eu' não tem raiz. É assim: a cabeça e os membros [528] não são o eu. Os membros menores e as articulações não são o eu. A carne e os ossos não são o eu. Sangue e linfa não são o eu. A medula óssea e as juntas dos dedos não são o eu. Dentes e unhas não são o eu. O cabelo e os pelos do corpo não são o eu. O 'eu' não existe em objetos externos, nem está internamente presente na mente, e o 'eu' tampouco existe no meio, no corpo. Portanto, familiarize-se com a dissolução total dessa fixação à identidade de uma pessoa.

“A *fixação às identidades dos fenômenos* emerge disso [do fixar-se ao 'eu']. Existem quatro abordagens para isso: (1) buscar as bases de designação dos nomes, (2) destruir a fixação à permanência das coisas, (3) combater a falha de benefício e dano, e (4) fazer colapsar a falsa caverna de esperanças e medos.

“(1) Ao investigar apenas os nomes do corpo, a compreensão de tudo o mais se seguirá. É assim: a cabeça não é o corpo. Os braços não são o corpo. As laterais do corpo e as costas não são o corpo. As pernas e articulações não são o corpo. A carne, o sangue, os ossos, a medula, os canais e os tendões não são o corpo. Da mesma forma, em relação aos braços: os dedos não são os braços, nem os antebraços, parte superior dos braços, ombros, carne, pele ou ossos. Aquilo que se chama de pernas não são quadris, coxas, [529] panturrilhas ou dedos dos pés. Nem o que se chama de coxas são a carne, os ossos, a medula, os canais ou os tendões.

“Da mesma forma, busque pelas bases de designação individuais de objetos externos. Por exemplo, o que é chamado de casa não é terra ou pedras, nem é madeira ou paredes. De maneira semelhante, ao examinar cuidadosamente todas as bases de designação, cada uma por sua vez, elas desaparecem completamente.

“(2) É desta maneira que se investiga se tudo o que parece ser real é verdadeiramente existente: se algo é definitiva e verdadeiramente existente, deve ter todas as sete qualidades do vajra indestrutível - ou seja, deve ser invulnerável, indestrutível, real, incorruptível, estável, totalmente imune a obstruções e invencível. Terra ou pedra que são consideradas reais podem ser partidas, pulverizadas e desintegradas e, então, se forem lançadas ao céu, desaparecerão sem deixar vestígios. Examinando todos os fenômenos dessa maneira, vocês definitivamente os desconstruirão com suas mentes e eles desaparecerão na vacuidade.

“Considerem: para onde vão todos os mundos físicos, seus habitantes sencientes e os seis tipos de objetos sensoriais que surgem dessa maneira à noite? Para onde vão durante o dia todos os fenômenos dos mundos físicos e seus habitantes sencientes que aparecem à noite? [530] Ao examinarem se ambos são igualmente verdadeiros ou falsos, se vocês concluírem que não são iguais, considerem o seguinte. Ó discípulos magicamente emanados, ouçam! Durante o ano em que vocês tinham treze anos, onde

moravam a cada mês, a cada dia e a cada momento? De quais alimentos vocês gostavam? Que amigos vocês acompanhavam? Que palavras vocês disseram? Inspecionem a realidade da matéria. Se as aparências diurnas verdadeiramente existem, então, quando este corpo atual é abandonado, onde estão os pais e o corpo da pessoa que prossegue? Do que eles surgiram? Digam-me!”

O Bodisatva Vajra da Lucidez Prístina respondeu: “Ó Mestre, Bhagavān, todas as aparências do dia, da noite, desta vida e da vida futura não são nada mais do que representações enganosas de experiências agradáveis e desagradáveis.”

Ele respondeu: “Muito bem, assim é, filho da família.

“(3) Ao examinarem a natureza dos objetos que parecem trazer benefícios e danos, vocês combatem a falha de se agarrarem à existência verdadeira. Considerem: onde estão armazenadas todas as raízes de virtude do passado? Onde elas estão localizadas? A quem elas beneficiam? Como elas beneficiam? Da mesma forma, examinando como o carma perverso e não-virtuoso inflige danos, [531] vocês o desconstruirão mentalmente de tal modo que desapareça por completo. “Além disso, onde está a fonte de onde surgem todos os demônios e espíritos malévolos? Onde eles se localizam depois de terem surgido? E, ao final, para onde vão? Ao investigarem a maneira pela qual eles infligem danos, vocês verão que não há como eles causarem mal. Da mesma forma, examinem a raiz fundamental dos locais sagrados e regiões onde os deuses protetores se originam, permanecem e de onde finalmente partem. Se os deuses são vazios, de que forma eles poderiam protegê-los como alguém real? Se os deuses são reais, onde eles vivem? Se vocês acham que eles vivem dentro de montanhas, considerem a possibilidade de estarem comprimidos no subsolo. Por outro lado, a terra é um deus - ou as pedras, as árvores, a relva ou as montanhas? Ao investigarem isso, vocês realmente saberão que todas as alegrias e tristezas nada mais são do que representações enganosas de experiências delusórias, que os deuses não protegem ninguém e que os demônios e espíritos não causam dano a ninguém.

“(4) Aqui está a maneira de colapsar a falsa caverna da interpretação errônea de que *samsāra* e *nirvāṇa* são autônomos e do apego a esperanças e medos. Quando vocês viajam de um lugar para outro e encontram um campo búdico e budas, onde eles existem - no céu, no espaço intermediário, na terra ou no subsolo? Na região de Vaiśālī, se houver um belo rei [532] com uma aparência refinada, boa fortuna e um grande séquito, ele não possui nenhuma característica distinta que o coloque acima de um mero *cakravartin* ou de um deus do reino do desejo ou reino da forma. Se os budas tivessem forma, também deveriam ter cor, e se tivessem forma e cor, também deveriam ter consciência condicionada. Se eles tivessem consciência condicionada, também deveriam experimentar os seis tipos de objetos, e se estes estivessem presentes, eles também deveriam ter as doze bases dos sentidos, o que necessariamente implicaria que eles são seres sencientes. Examinando isso cuidadosamente, vocês colapsarão a falsa caverna de considerar erroneamente os budas como sendo autônomos.

“Além disso, onde fica o lugar tão amedrontador e o reino miserável da existência chamado *inferno* - no céu, no espaço intermediário, na terra, abaixo ou acima dela? Onde fica o chão de ferro fundido com seus seres que atormentam os habitantes do inferno? De onde vem a lenha? Quem são os pais e quais são as causas e condições dos lacaios do inferno? Como é que o fogo não os queima já que queima outros seres? Como

resultado de infligirem tal tormento como punição infernal a seres sencientes, para que inferno eles vão? Quanto aos seres sencientes que lá são torturados, onde eles encontraram seus corpos? [533] Quem eram seus pais e quais eram suas causas e condições? Se seres sencientes hoje em dia morrem por causa de uma simples ferida, por que os habitantes do inferno não morrem já que são fervidos e queimados por éons?

“Da mesma forma, se realmente existir um grande número de pretas - com cabeças do tamanho de um pote de barro, bocas do tamanho do buraco de uma agulha, gargantas do tamanho de um pelo de cavalo, barrigas do tamanho de um país e membros tão delgados quanto folhas de grama - quem são seus pais e quais são suas causas e condições? Examinem: em que direções e em que locais eles moram? Se vocês investigarem cuidadosamente todos os reinos das seis classes de seres sencientes, chegarão à conclusão definitiva de que eles são meros sonhos – aparências delusórias de suas próprias mentes, que não são estabelecidas como realmente existentes – e assim colapsarão a falsa caverna da fixação à existência autônoma dos lugares.

“Ao determinarem a natureza de todas as aparências dualísticas, chegarão à conclusão definitiva de que sua natureza essencial é vazia e não objetiva – uma grande abertura. Sua natureza essencial vazia e não objetiva é a base. Ao reconhecerem a base, vocês saberão que todo o saṃsāra e o nirvāṇa nada mais são do que a base da existência.”

Então, o Bodisatva Vajra da Lucidez Prístina perguntou: “Ó Mestre, Bhagavān, como ocorre a separação entre saṃsāra e nirvāṇa?”

Ele respondeu: “Ó filho da família, a radiância interna do sugatagarbha da base, a grande sabedoria manifesta profundamente luminosa, é chamada de *buda que está presente na base pura*. [534] Uma vez que a radiância interna da sabedoria é obscurecida pela ignorância, aquilo que combina a radiância externa [do sugatagarbha] com o obscurecimento e atua como a base de todas as aparências, estados mentais, alegrias e tristezas é chamado de *substrato*. Tendo isso como base, os pensamentos dualísticos solidificados, sutis e grosseiros, constroem os três reinos do saṃsāra.”

Fase 4: Determinando as Características e Qualidades da Base

Então, o Bodisatva Vajra da Lucidez Prístina solicitou ao Bhagavān: “Ó Mestre, Bhagavān, Senhor Onipresente e Soberano Inabalável, qual é a natureza e quais são as qualidades sublimes daquilo que é chamado de sugatagarbha da base? Que o Bhagavān, por favor, revele isso!”

O Bhagavān respondeu: “Ó grande ser, ouça sem distração! A natureza única combinada da essência de todos os sugatas, o Senhor Onipresente e Soberano Inabalável, é insuperável. Não há nada mais elevado. Esse é o grandioso e profundo espaço absoluto dos fenômenos. Isso é a paz, o nirvāṇa. É livre de apego a todo o saṃsāra e o nirvāṇa. [535] Não-nascido e não-surgido, é dotado de conhecimento. A grandiosa visão da consciência primordial pura, é dotada de percepção plena, diferenciada pela sabedoria todo pervasiva, livre de obscurecimento. A liberdade completa dessa base, com suas qualidades sublimes que sempre foram completas na Grande Perfeição primordial, é assim: os Budas não são aprimorados pelo bem e os seres sencientes não são contaminados pelo mal. Não há ignorância. Por não haver ignorância, não há substrato. Por não haver substrato, não há fixação ao 'eu'. Por não haver fixação ao 'eu', não há uma essência pessoal. Por não

haver uma essência pessoal, também não existem objetos externos. Por não haver nem uma essência pessoal e nem objetos, também não há apego. Por não haver apego, também não há consciência condicionada.

“Filho da família, pelo fato de o sugatagarbha da base não surgir em nenhum dos três tempos, ele é livre do extremo do nascimento. Por nunca cessar e nunca se transformar em nada, é livre do extremo da cessação. Por não se enquadrar nas categorias de existência e realidade, é livre do extremo da permanência. Por não ser simplesmente inexistente, mas por ser estabelecido como a base universal tanto de saṃsāra quanto de nirvāṇa, é livre do extremo do niilismo. Por não existir uma origem da qual primordialmente surgiu, é livre do extremo de vir. Por não haver destino para o qual finalmente vá, [536] é livre do extremo de ir. Pelo fato de todo o saṃsāra e nirvāṇa não serem diferentes da natureza do sugatagarbha da base, ele é livre do extremo da diversidade. Pelo fato de todos os fenômenos de saṃsāra e nirvāṇa surgirem distintamente e não se fundirem, é livre do extremo da unidade.

“Ó filho da família, uma vez que o sugatagarbha da base uniformemente pervasivo transcende todas as tendências e extremos, é chamado de *porta da liberação da vacuidade*. Uma vez que essa base não pode ser indicada por palavras, analogias ou referentes de nenhum tipo, é chamada de *porta da liberação da ausência de sinais*. Uma vez que o sugatagarbha da base adquire confiança em si mesmo, e não há o menor desejo de liberação por meio de qualquer outra fruição, ele é chamado de *porta da liberação da ausência de desejo*.

“Filho da família, todas as rodas de ornamentos inexauríveis⁶ do corpo, fala, mente, qualidades e atividades iluminadas de todos os jinas dos três tempos surgem naturalmente do sugatagarbha da base. É assim: Todos os fenômenos de saṃsāra e nirvāṇa são não-fabricados e naturalmente vazios na esfera do sugatagarbha da base, por isso são chamados de *dharmā*. A realidade última não é simplesmente vazia de materialidade; mas, em vez disso, todas as facetas da consciência primordial e qualidades sublimes da iluminação são espontaneamente manifestas dentro dela, como se estivessem reunidas, por isso é chamada de *kāya*⁷. Na esfera do sugatagarbha da base, [537] todas as rodas de ornamentos inexauríveis dos kāyas, facetas da consciência primordial, os campos búdicos e suas exibições são naturalmente aperfeiçoados como prazeres, por isso é chamada de *sambhoga*. Nela, toda a sabedoria e as qualidades sublimes são espontaneamente manifestas, como se estivessem reunidas, por isso é chamada de *kāya*⁸. Sem se afastar da esfera do sugatagarbha da base, uma vez que qualquer emanção é naturalmente presente sem ser diferente de sua fonte, ela é chamada de *nirmāṇa*. Uma vez que todas as rodas de ornamentos inexauríveis de corpo, fala e mente iluminados são espontaneamente manifestas nessa emanção, como se estivessem reunidas, é chamada de *kāya*⁹. Uma vez que os três kāyas não são diferentes

⁶ Os atributos dos jinas e jinaputras são ornamentos inexauríveis da realidade, que continuam girando eternamente, como rodas. Por isso, são chamados de “rodas de ornamentos inexauríveis”.

⁷ Esta é a etimologia de “dharmakāya” (tib. *chos kyi sku*): dharmā (*chos*), kāya (*sku*).

⁸ Esta é a etimologia de “sambhogakāya” (tib. *longs spyod rdzogs pa'i sku*): sambhoga (*longs spyod rdzogs*), kāya (*sku*).

⁹ Esta é a etimologia de “nirmāṇakāya” (tib. *sprul pa'i sku*): nirmāṇa (*sprul pa*), kāya (*sku*).

de sua natureza essencial, é chamada de *svabhāva*. Por ser inalterada e perfeitamente completa em sua manifestação espontânea, é chamada de *kāya*¹⁰.

“Uma vez que esses quatro *kāyas* não se modificam, eles são chamados de *imutáveis*. Por serem dotados das sete qualidades vajra indestrutíveis, são chamados de *vajra*. Aqui estão suas sete qualidades: são invulneráveis a toda e qualquer aflição mental e propensões habituais. São indestrutíveis por todo e qualquer mara e obstáculo. São originalmente puros por natureza, e por isso são reais. Não podem ser contaminados por qualidades boas ou ruins, portanto são incorruptíveis. Sua natureza nunca passa a ser qualquer outra coisa, então são estáveis. Podem penetrar em tudo, incluindo até mesmo o mais sutil dos obscurecimentos cognitivos, de modo que são [538] totalmente livres de obstruções. Não podem ser modificados por nenhum tipo de alegria ou tristeza, por isso são totalmente invencíveis. Uma vez que esse vajra imutável, que não pode ser conquistado ou destruído, é espontaneamente manifesto como uma compilação de todas as facetas da consciência primordial e das qualidades sublimes, ele é chamado de *kāya*¹¹.

“Filhos e filhas da família, ouçam bem! Dentro do que é conhecido como o *precioso santuário interno da manifestação espontânea* – a radiância interna do sugatagarbha, do dharmakāya, do buda autoemergente - os cinco campos búdicos, as cinco famílias búdicas, as cinco budas, as cinco facetas da consciência primordial, as cinco cores e as cinco sabedorias são naturalmente perfeitas e completas, sem modificação. Primeiro, aqui está como a própria base é espontaneamente realizada como a natureza manifesta dos cinco campos búdicos. O campo búdico de Ghanavyūha não se refere a um mundo físico objetivo e seus habitantes sencientes, mas à natureza essencial do sugatagarbha da base, o espaço absoluto dos fenômenos, na medida em que é uma densa matriz de majestosas formações espontâneas. Na ausência de qualquer direção cardeal ou intermediária que possa ser identificada como substancialmente existente, seu posicionamento no centro é uma mera convenção.

“O grande espaço absoluto da base é o campo búdico de Abhirati, que se refere ao seu aspecto de grande bem-aventurança, e não a uma região criada por condições objetivas ou por algum ser. Diz-se que fica no leste, mas esta é uma mera convenção, que não deve ser interpretada literalmente.

“Uma vez que todo o esplendor e as qualidades sublimes e abundantes da iluminação são [539] autoemergentes na base, ele é chamado de campo búdico de Śrīmat. Considera-se nominalmente que essa abundância de qualidades sublimes fica no sul, mas isso é uma mera convenção.

“O campo búdico de Sukhāvātī é assim chamado porque essa aparência da base transcende todo o sofrimento da infelicidade. Sua localização no oeste também é meramente nominal.

“O campo búdico de Karmaprasiddhi é assim chamado porque todas as rodas de ornamentos inexauríveis dos *kāyas*, facetas da consciência primordial, campos búdicos e exibições são aperfeiçoadas sem esforço à medida que emergem de si mesmas. Também é dito apenas nominalmente que fica no norte.

¹⁰ Esta é a etimologia de “*svabhāvikakāya*” (tib. *ngo bo nyid kyi sku*): *svabhāva* (*ngo bo nyid*) *kāya* (*sku*).

¹¹ Esta é a etimologia de “*vajrakāya imutável*” (tib. *mi 'gyur rdo rje sku*): *vajra* (*rdo rje*), *kāya* (*sku*), *imutável* (*mi 'gyur*).

“Ademais, as referências às direções e aos campos búdicos emprestam artificialmente características à realidade última, que é desprovida de sinais ou nomes. Através de uma compreensão iluminada do que se deve purificar e dos meios de purificação, tais referências são feitas simplesmente para benefício dos discípulos que erroneamente se agarram à existência autônoma, precisamente para conduzi-los à liberação no espaço absoluto da grande sabedoria da fruição, na dependência de métodos causais.

“Ó filho da família, eis como a base - a grande consciência primordial autoemergente - está totalmente presente na natureza essencial das cinco famílias búdicas. A família tathāgatha é assim chamada porque o sugatagarbha, o espaço absoluto dos fenômenos, é livre de elaboração conceitual. A família vajra é assim chamada porque a base não pode ser conquistada nem destruída. A família joia é assim chamada porque todas as qualidades sublimes estão totalmente presentes nas aparências da base. [540] A família lótus é assim chamada porque a base não é maculada por nenhuma condição causal ou propensão habitual. A família karma é assim chamada porque todas as atividades iluminadas são completamente realizadas sem trabalho ou esforço na base.

Sem ser estabelecido como algo parcial, ou como delimitado em qualquer direção, o sugatagarbha da base é o buda, livre de sinais e nomes - isso é definitivo. O caminho dos meios hábeis lhe atribui sinais artificialmente, de acordo com os caminhos do saṃsāra, a fim de alcançar resultados baseados em causas - isso é enganoso.

“Ó filho da família, aqui está como a natureza essencial do sugatagarbha da base, a grande vacuidade primordial, é apresentada de uma forma artificial como as cinco budas. Buddhaḍākinī é assim chamada porque o sugatagarbha da base é como uma mãe grávida de saṃsāra e nirvāṇa na vasta extensão de seu céu. Vajraḍākinī é o espaço absoluto da base, o próprio espaço absoluto que é livre de movimento e de mudanças através dos três tempos. Ratnaḍākinī é esse mesmo espaço absoluto, que emerge naturalmente como qualidades sublimes - as joias preciosas da realização espontânea - dentro das aparências da base. Padmaḍākinī é esse mesmo espaço absoluto, a base na medida em que é totalmente livre de apegos. Karmaḍākinī é o mesmo espaço absoluto em si, no qual as atividades iluminadas são totalmente realizadas na base, totalmente livres de trabalho ou esforço.

“O termo *buda feminino* se refere à grande vacuidade ilimitada - espaço absoluto autoemergente, no qual os campos búdicos e as cinco famílias búdicas são unificados na base. As budas são designadas apenas nominalmente, [541] pois não são estabelecidas como separadas em nenhuma das direções - isso é definitivo.

“Ó filho da família, é dito que essa mesma base tem a natureza das cinco facetas da consciência primordial. É desta forma: a consciência primordial do espaço absoluto dos fenômenos é assim chamada porque todos os fenômenos estão naturalmente presentes no espaço absoluto todo pervasivo, cuja natureza essencial é primordialmente vazia. A consciência primordial semelhante ao espelho é assim chamada porque a realidade última é autoiluminadora e livre de véus obscurecedores. A consciência primordial da igualdade é assim chamada porque todo o saṃsāra e nirvāṇa são iguais na grande pureza da igualdade desse mesmo espaço absoluto de fenômenos. A consciência primordial do discernimento é assim chamada porque a radiância interna, a grande consciência primordial que conhece [a realidade como ela é] e percebe [toda a gama de fenômenos] é desimpedida. A consciência primordial de realização refere-se à completa

realização da pureza e liberdade autoemergentes. Estas não são consideradas separadas ou divididas em compartimentos. Em vez disso, são apenas nomes convencionais atribuídos à grandiosa e profundamente luminosa consciência primordial que está presente na natureza da base primordial, o sugatagarbha. Elas não são separadas e nem diferentes.

“O aspecto vazio desse espaço absoluto da base é índigo, seu aspecto imaculado é branco, suas qualidades sublimes majestosas e abundantes são amarelas, sua ausência de contaminação por falhas é vermelha e sua manifestação espontânea perfeita é simplesmente chamada de verde.

“Na natureza da base, a grandiosa sabedoria autoemergente é [542] assim: A sabedoria iluminadora é assim chamada porque ilumina todas as facetas obscuras da consciência primordial e das qualidades sublimes do domínio do sugatagarbha da base. A sabedoria pervasiva é assim chamada porque permeia a totalidade do sugatagarbha da base. A sabedoria liberadora é assim chamada porque libera o reino impuro do saṃsāra no estado búdico puro. A sabedoria vitoriosa é assim chamada porque domina todo o carma, aflições mentais e propensões habituais no espaço absoluto, que transcende a causalidade. A sabedoria unificadora é assim chamada porque une saṃsāra e nirvāṇa no espaço absoluto de grande pureza da igualdade. Ver a face de tão grandiosa sabedoria é como o sol nascendo no céu. Ela supera todos os obscurecimentos, assim como o sol ofusca as constelações de estrelas, até levá-lo ao estado de onisciência - o estado búdico perfeito.

“A grandiosa sabedoria é como a conflagração no final de um éon, pois incinera todo carma, aflições mentais e propensões habituais, como se fossem pulgões. A grandiosa sabedoria é como um grande oceano, pois reúne todos os Dharmas sublimes dentro de si, assim como o oceano reúne todos os rios. A grandiosa sabedoria é como o espaço, pois abrange todos os Dharmas sublimes, assim como o espaço abrange os mundos físicos e seus habitantes sencientes. A grandiosa sabedoria [543] é o olho único da consciência primordial, pois quando ele simplesmente se abrir, você perceberá verdadeiramente a natureza da existência da realidade última, a talidade. Quando até mesmo uma pessoa infeliz, oprimida por m̄aras, vê sua própria face de grande sabedoria, nesse mesmo instante esse indivíduo se torna iluminado como o dharmakāya, Samantabhadra.”

Então, o Bodisatva Vajra da Lucidez Prístina perguntou ao Bhagavān: “Bhagavān, Senhor Onipresente e Soberano Inabalável, quais são os nomes para a grande visão da consciência primordial pura, que é iluminada pela lâmpada da consciência primordial pervasiva?”

Ele respondeu: “Filho da família, ela é chamada por oito nomes, como se segue: (1) A porta da consciência primordial pura é obscurecida por propensões habituais; está ocultada na ausência de lucidez, que delude o indivíduo no saṃsāra. Uma vez que se torna lúcida quando o olho da grande e penetrante sabedoria é aberto, é chamada de *lucidez prístina*¹². (2) Por ser o grande segredo de todos os jinas, é *secreta* e, por ser o pináculo de todos os yānas, é chamada de *mantra*. É chamada de *vajra* porque a lucidez prístina, o sugatagarbha, é dotada das sete qualidades vajra. Chama-se *yāna* porque sustenta-se tal como é, sem se transformar em nada bom ou ruim: nem se transforma em

¹² Esta é a etimologia de “lucidez prístina” (tib. *rig pa*).

nenhuma das qualidades sublimes do puro estado búdico [544] nem em qualquer sofrimento do saṃsāra impuro¹³. (3) É chamada de *realidade* porque abarca todas as realidades autênticas e é *última* porque é o mais sublime de todos os fenômenos. Por transcender todas as falhas e impurezas, é chamada de *pura*; e por ser naturalmente repleta de todos os kāyas, facetas da consciência primordial, campos búdicos, exibições e qualidades sublimes da iluminação, é chamada de *consumada*. Todo o saṃsāra e nirvāṇa estão incluídos no sugatagarbha da base, que é permeado e igualmente liberado pela grande sabedoria pervasiva. Portanto, essa mente grandiosa, que é inconcebível, é conhecida como *mente*¹⁴. (4) É chamada de *base*, pois é a grandiosa fundação universal de saṃsāra e nirvāṇa. É *originalmente pura*, pois é primordialmente não contaminada por falhas e impurezas. É *perfeição*, pois as vias de realização espontânea são aperfeiçoadas, e é *grande*, pois sua perfeição é incomparável¹⁵. (5) É *espontaneamente manifesta*, pois nela todas as qualidades sublimes das rodas de ornamentos inexauríveis do corpo, fala, mente, qualidades e atividades iluminados são espontaneamente manifestas. É chamada de *jovem*, pois é totalmente livre de nascimento, morte, envelhecimento e deterioração; é chamada de *vaso*, pois ilumina as profundezas da radiância interna sem que a periferia da manifestação espontânea jamais seja violada; e é chamada de *kāya*, pois é a perfeição de todas as facetas da consciência primordial e qualidades sublimes, como se estivessem todas reunidas¹⁶. [545] (6) É chamada de *bindu*, pois engloba todas as coisas como uma esfera, transcende todas as bordas e arestas do intelecto, atividade mental e pensamento; e é chamada de *única*, pois não é outra senão a natureza essencial de todo o saṃsāra e nirvāṇa¹⁷. (7) É chamada de *saṃsāra*, pois gira nos três reinos impuros da existência, e é chamada de *nirvāṇa*, pois o transcende. É chamada de *completa*, pois tudo está completamente contido no grande espaço absoluto do sugatagarbha da base; e é chamada de *consumação*, pois compreende todos os fenômenos¹⁸. (8) É chamada de *vajra*, pois o dharmakāya, a lucidez prístina que está presente como a base, é dotada das sete qualidades vajra; e é chamada de *essência*, pois é a essência de todos os fenômenos¹⁹.

“Esses oito sinônimos não têm referentes distintos e, além dos meros nomes, a base dessas expressões transcende toda elaboração conceitual.

“Quando todas as qualidades sublimes da base se recolhem para a radiância interna, é como o espaço, que permeia todos os lugares uniformemente. Um símbolo para isso é o céu sendo encoberto pela escuridão, embora o espaço nunca se torne claro ou escuro; e um símbolo de como a grande sabedoria ilumina essa natureza é o nascer do sol.

“Ó filho da família, existem três formas de seguir o caminho. Estas são conhecidas da seguinte forma: o indivíduo experiencia o nirmāṇakāya tomando a compaixão como

¹³ Esta é a etimologia de “mantra secreto Vajrayana” (tib. *gsang sngags rdo rje'i theg pa*): secreto (*gsang*), mantra (*sngags*), vajra (*rdo rje*), yāna (*theg pa*).

¹⁴ Esta é a etimologia de “bodicitia última” (tib. *don dam byang chub kyi sems*): realidade (*don*), última (*dam pa*), pura (*byang*), consumada (*chub*), mente (*sems*).

¹⁵ Esta é a etimologia de “base originalmente pura da Grande Perfeição” (tib. *zhi ka dag rdzogs pa chen po*): base (*zhi*), originalmente pura (*ka dag*), perfeição (*rdzogs pa*), grande (*chen po*).

¹⁶ Essa é a etimologia de “kāya vaso jovem espontaneamente manifesto” (tib. *lhun grub gzhon nu bum pa'i sku*): kāya (*sku*), vaso (*bum pa*), jovem (*gzhon nu*), espontaneamente manifesto (*lhun grub*).

¹⁷ Esta é a etimologia de “bindu único” (tib. *thig le nyag gcig*): bindu (*thig le*), único (*nyag gcig*).

¹⁸ Esta é a etimologia de “consumação completa de saṃsāra e nirvāṇa” (tib. *'khor 'das 'ub chub*): consumação (*chub*), completa (*'ub*), saṃsāra (*'khor*), nirvāṇa (*'das*).

¹⁹ Esta é a etimologia de “essência vajra” (tib. *rdo rje'i snying po*): essência (*snying po*), vajra (*rdo rje*).

caminho - a consciência espaçosa na qual os pensamentos são liberados onde se encontram. [546] Ou pode-se experienciar o sambhogakāya tomando a natureza manifesta como caminho, em que se toma a radiância da manifestação espontânea como caminho, por meio de sua natureza essencial. Ou ainda pode-se experienciar o dharmakāya da grande expansão tomando a natureza essencial como caminho, o que implica um repouso primordial, sem modificação, na grandiosa acomodação natural dentro da esfera da natureza essencial. Qualquer uma dessas três que escolher tomar como caminho, ao praticar com entusiasmo intenso e incansável, você finalmente será liberado na natureza fundamental de todas as três. Esse é um ponto extremamente importante.

“Ó filho da família, a consciência primordial é a faculdade que ilumina o que está obscurecido nesse espaço absoluto da base, a grandiosa expansão que está além de qualquer articulação. Os iniciantes primeiro reconhecem a consciência que é imensamente vasta e inexprimível, que não é a consciência condicionada que surge e passa e que vagueia conceitualmente pelo reino das aparências. Se eles a tomam como caminho e repousam em sua natureza, essa é a radiância da grandiosa sabedoria, e naturalmente dissipa todas as contaminações da ignorância. Com a manifestação da grandiosa sabedoria da radiância interna e com o surgimento espontâneo de realizações da expansão da fonte de tesouros do espaço da realidade última, é certo que eles aperfeiçoarão completamente todas as qualidades sublimes da Grande Perfeição – a lucidez prístina que transcende a causalidade, livre de todos os extremos - na natureza não-dual do espaço absoluto e da consciência primordial.

“Essa lucidez prístina soberana, livre de extremos, [547] é sempre muito profunda e potente, um caminho rápido e insuperável. Surge como a boa fortuna e dignidade de pessoas com faculdades aguçadas, pois é muito sutil e difícil de contemplar. Nos tempos atuais em que os ensinamentos do profundo, supremo e insuperável yāna da fruição degeneraram, eu revelo esta instrução quintessencial suprema - que determina a base, corta a divisão entre aquele que apreende e o que é apreendido pela raiz, detém a chave para diferenciar as duas verdades e estabelece a distinção entre mente e lucidez prístina - para benefício dos cegos que consideram causa e efeito como a verdade definitiva e que orgulhosamente confundem compreensão com realização. Os servos de Mara - com suas aspirações perversas, a cem milhões de quilômetros de distância deste ensinamento, que o insultam, sobrepõem suas falsas projeções ou o tratam como algo risível - não têm conexão cármica comigo, e assim estão muito afastados. Por outro lado, seres afortunados que são meus discípulos da essência do coração: anotem este ponto e coloquem-no em prática!

“Ó filho da família, nenhum ser senciente jamais esteve separado, nem mesmo por um instante, da grande perfeição primordial das qualidades sublimes da base. No entanto, assim como a água que flui naturalmente congela e solidifica, os seres sencientes se agarram aos três reinos do saṃsāra e se tornam deludidos, sem que a base jamais seja beneficiada ou danificada. [548] Aqui está a maneira pela qual a lucidez prístina é superior à base: a base é como segurar uma joia preciosa que realiza desejos nas mãos; no entanto, como não a reconhece, você a confunde com sujeira ou pedra, falha em tratá-la com respeito e, portanto, não alcança os siddhis. A lucidez prístina é como reconhecer a joia que realiza desejos e, tratando-a com respeito, você adquire tudo o que precisa e deseja. A base é como um céu sem cor obscurecido pela escuridão,

enquanto a lucidez prístina é como o amanhecer e o sol nascendo. A base é como não possuir séquito, tesouros ou recompensas autoemergentes de um grande rei, enquanto a lucidez prístina é como ser capaz de desfrutar todas essas coisas porque você as possui. A base é como ser atormentado pelo sofrimento de uma doença, enquanto um bálsamo curativo está escondido sob a sua cama, enquanto a lucidez prístina é como reconhecer o bálsamo como um remédio, aplicá-lo, sentir-se aliviado da angústia causada pela doença, e viver feliz.

“Ó filho da família, nunca me separei de você, nem por um instante, desde tempos imemoriais, mas só agora você vê a minha face. Agora, não se afaste dessa esfera de indivisibilidade. Se você se afastar de mim, então como antes, não me encontrará novamente por incalculáveis éons.” [549]